



MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA
E A BUSCA PELA SOBREVIVÊNCIA DA RELIGIOSIDADE
MULTICULTURAL

Cândido Luiz Santos Maynard
Mestrando do Programa de Pós-graduação de Ciências da Religião - UFS
Pesquisador do GPDAS /CNPq/UFS
Bolsista CAPES

aptablet@mica12.com.br

RESUMO

As novas tecnologias e as novas propostas religiosas são alguns dos desafios que as igrejas evangélicas, neopentecostais enfrentam. O presente trabalho tem por objetivo identificar as possíveis reações dessas igrejas na modernidade e a intervenção da secularização depois de um longo e rico processo histórico de pluralização da nossa matriz religiosa, quando através do católico, índio, cristão novo, negros e outros atores construíram e deram-na a capacidade de ser plural. Utilizamos da pesquisa bibliográfica, pautada na proposta sociológica de autores como Peter Berger, além de leituras dos dados demográficos brasileiros obtidos através do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Como resultante, explicita a impossibilidade clara das religiões cristãs ditas evangélicas, mais especificamente as neopentecostais de vencerem esse processo, por conta da pouca ou quase total ausência de símbolos que veiculem sua identidade ao sagrado, contrárias ao catolicismo que mantém um capital simbólico riquíssimo. Contudo, as novas denominações neopentecostais estão obtendo um crescimento considerável no seio da população brasileira. Qual seria a sua ferramenta de manutenção da simbologia sagrada? Concluímos que, o uso de capitais simbólicos do judaísmo, tais como: palavras em hebraico, bandeira de Israel e Jerusalém, mantos de oração (Talit's), cornetas de carneiro (Shofar), além de festas ditas judaizantes, fazem parte dessa resposta às pressões sofridas no mercado religioso brasileiro, na modernidade e que, através da ferramenta do dispensacionalismo clássico e progressivo, essas igrejas têm legitimado essa apropriação incorporando nas suas práticas cotidianas símbolos judaicos cada vez mais comumente, muito embora não se deem conta disso.

Palavras-chave: Religião. Judaísmo. Dispensacionalismo.

A grandiosidade geográfica do Brasil é semelhante ao perceptível pluralismo de suas regiões e culturas, das quais milhares de costumes e visões são resultantes. No Brasil moderno do século 21, milhares de novas situações e costumes tornam-se comuns e englobam o nosso cotidiano.

Em um ambiente geograficamente desafiador e com tantos contrastes uma pergunta é perfeitamente cabível: como entender a matriz religiosa do povo brasileiro e identificar sua



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

essência, em particular a construção histórica e suas características sociológicas? Uma palavra pode nos auxiliar no tempo presente a definir a religiosidade do povo brasileiro: Pluralidade.

Em sua essência no descobrimento, a partir de 1500, com a chegada das caravelas de Pedro Alvares Cabral, a religião da colônia lusitana já pode ser vista com o adjetivo da pluralidade, após da chegada dos conquistadores já existiam aqui nativos crentes em seus ancestrais e era oficialmente a religião da nova colônia. Se levarmos em conta que muitos dos embarcados nos primeiros navios a aportar na nova colônia eram cristãos novos, buscando um lugar mais seguro para o exercício de sua fé judaizante, ora ocultada, sobre o serviço da religiosidade oficial.

Os que aqui não nasciam, tinham que adotá-lo mesmo que não o compreendessem: os negros escravizados eram batizados no porto de procedência ou de desembarque. Já os judeus, sob a pressão de serem perseguidos pelos inquisidores e perderem seus bens ou mesmo suas vidas, preferiam tornar-se “cristãos novos”. (NEGRÃO, 2008, p.119)

Sob o jugo da Coroa portuguesa, o catolicismo foi imposto no Brasil desde os primórdios da colonização como religião oficial do Império e a única com permissão de realizar cultos públicos ou domésticos. Essa Aliança entre a casa real portuguesa e o Vaticano possibilitou ao império português legitimar seus interesses temporais e seus métodos de atuação, sob o pretexto da salvação de almas e da difusão da fé e cultura cristã. (NEGRÃO, 2008, p.118)

Assim, nos porões dos navios ou sob o leme das embarcações portuguesas a sobrevivência de religiosidades multiculturais começava a se desenvolver na nova colônia. Os ameríndios, mesmo sem a presença de registros livrescos, possuíam sua religiosidade pautada em costumes e ritos. “Ora, nada justifica essa inversão destinada somente a salvar a primazia do texto revelado. Eu gostaria de mostrar, contrariamente à prática habitual, que mesmo nas religiões reveladas, o ritual está em primeiro lugar”. (LEENHARD, 2012, p. 4). Ou seja, existia, sem quaisquer sombras de dúvida, religiosidade no culto ancestral dos índios e sua devoção a esses ancestrais.

A multicultural religiosidade começa a desabrochar na colônia portuguesa; neste ponto podemos contar com a presença de portugueses católicos (alguns cristãos novos), índios nativos que exerciam sua devoção ancestral e, dentro em breve, a chegada dos escravos vindos da África que também possuíam sua forma de religião. Diferentes e com ritos e culturas específicas os



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

povos conquistadores teriam que desenvolver um senso de alteridade, mas ao contrário disso o que foi feito constituiu na transformação desses objetos de culto em algo demonizado.

A bem da verdade, deve-se considerar a Matriz Religiosa Brasileira como resultado inerente ao encontro de culturas e mundividências. Pode-se dizer, em grandes linhas, que no Brasil colonial colidiram duas grandes concepções religiosas: uma que sacralizava o ambiente natural e as forças espirituais a ele subjacentes; outra ressaltava símbolos religiosos abstratos e transcendentais. (BITTENCOURT, 2003, p. 49)

Esse processo de demonização perpassou por ações de proibição, repressão e perseguição. Com isso a técnica já conhecida dos cristãos novos de ocultar seu culto dentro do catolicismo tornou-se prática dos índios e escravos, os judeus adotaram o “criptojudaísmo”, símbolos e ritos foram camuflados dentro do rito católico. Essa prática, embora chamada aqui de camuflagem, foi adotada com sucesso pelos indígenas e africanos que eram forçados a manter o novo modo de vida diante do sagrado.

Com efeito, as formas religiosas e culturais condenadas como idolátricas e/ou demoníacas foram sendo canalizadas para uma religiosidade camuflada – transformada por isso mesmo em instrumento de resistência e de manutenção da identidade ante as violências do opressor - e puderam assim compor um acervo religiosos singular. Dito de outro modo, enquanto os indígenas (e africanos) aparentemente aceitavam as práticas sacramentais, mantinha no cotidiano, de maneira velada, condutas transgressoras no que tange às determinações eclesiásticas. (BITTENCOURT, 2003, p. 56)

A busca pela sobrevivência foi natural e baseava-se nas várias formas de culturas que a nova colônia estava recebendo. Cada forma de pensar e crer tornou-se argamassa da matriz religiosa contemporânea, talvez por conta dessa formação subliminar e ao mesmo tempo tão evidente que a pluralidade e tolerância exista, pelo menos em linha gerais na sociedade do Brasil do século 21. “Somente no ocidente encontramos uma cultura que se inventa em termo de civilização e religião e que constrói a própria história e a do mundo como uma contínua oscilação entre os dois termos.” (SILVA, 2011, p. 230).

Importante observar que, três décadas antes do surgimento do dispensacionalismo em 28 de janeiro de 1808, a abertura dos portos às nações amigas passa a garantir a instalação das



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

primeiras representações da fé protestante no Brasil; todavia, somente em 1862 será instalada a primeira igreja presbiteriana no Brasil. “O missionário Ashbel Gree Simonto chegou ao Brasil em 1859 e fundou a primeira Igreja Presbiteriana, no Rio de Janeiro, no ano 1862”. (SANTOS, 2010, p. 107). Coincidentemente no mesmo período em que James Hall Brookes, também presbiteriano, começou o ensino do pensamento dispensacionalista nos Estados Unidos, influenciado por Jonh N. Darby.

A fé protestante com uma forte abordagem às aspirações do povo judeu, tais como: o retorno a sua terra, ressurgimento do estado judeu, valorização cultural do judaísmo, como aspectos intrínsecos ao pensamento dispensacionalista, despertou os antigos judaizantes, graças a um “filo judaísmo” dos descendentes de cristãos-novos.

Um exemplo eram as ações de William Blackstone (1841-1935), “Os judeus “sionistas gostavam de Blackstone e confiavam nele”, apesar das frequentes tentativas de evangelizá-los”. (ICE, 2010, p. 14) Ou seja, o pensamento dispensacionalista poderia, por sua prática, atrair esses remanescentes. Sendo que, em 1824, a constituição também começou a permitir novas práticas religiosas, adotando a tolerância, mas mantendo o status de oficial ao catolicismo romano.

A tolerância para com outros cultos, por força das relações comerciais com países protestantes, gerou o debate em torno da liberdade de culto. As relações econômicas definiram interesses das elites locais, que se debruçavam no tema da liberdade, nos âmbitos da política, do comércio e da religião. (SANTOS, 2010, p.105)

A matriz brasileira vai assumir, a partir dessas construções, uma posição de tolerância e pluralidade, devido às pressões sociais sofridas por uma população de imigrantes vindos de várias nações protestantes, sejam luteranos e anglicanos.

Como um construto social, a religião no Brasil tem hegemonicamente o cristianismo. Segundo dados censitários levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), analisando as variáveis associadas a grupos religiosos de predomínio marcante nas estatísticas nacionais, 86,8% dos entrevistados são identificados como cristãos e 8% sem religião, restando somente 6% para as demais religiões, entre elas: Espiritismo Kardecista, Umbanda e Candomblé. Os dados estatísticos rapidamente apresentados aqui são uma compreensão clara que o Brasil é um país cristão (católico e protestante).



Considerando a moderna construção teórica da categoria religião e sua universalização a reboque do colonialismo – o que ocorreu também com as noções de magia, secular e religiões mundiais, entre outras -, bem como a enorme diversidade a variabilidade histórica dos fenômenos religiosos, James Beckford esclarece que a “religião é um construto social e cultural com significado altamente variável”, e não denota algo fixo ou essencial para além dos significados que assume em contextos culturais e sociais particulares. Quanto à religião, Peter Beyer reitera que “não há essências, apenas desenvolvimentos históricos contingentes”, sendo contingente todos os aspectos da religião moderna, inclusive as formas e conteúdos que a religião manifesta nos planos conceitual e institucional. (MARIANO, 2013, p. 232).

Sendo assim, mesmo declaradamente católico ou protestante, muitos dos chamados cristãos vão adotar práticas de outras linhas de religiosidade, ritos e crenças.

Dentro da cultura religiosa do Brasil, mediante seu desenvolvimento sincrético, é perfeitamente plausível práticas de magia serem percebidas nas reuniões católicas ou protestantes.

O ato complexo da institucionalização, fixa e inalterável, perdeu espaço para as mudanças nos capitais simbólicos. “Um dos aspectos que mais têm causado perplexidade entre os observadores e analistas do campo religioso é a passagem do absentismo político para a conduta política explícita por parte dos pentecostais.” (BITTENCOURT, 2003, p. 35).

Outrora demonizada, a participação na política ganhou um novo valor e a igreja tornou-se militante e participante, buscando ocupar os espaços públicos e surpreender a moderna laicidade proposta pela nova política brasileira.

Nas eleições de 2010, a religião e seus conceitos demarcaram a temática das candidaturas, e levaram notadamente a um debate sobre temas que estavam sendo discutidos e aparentemente viáveis, dentro da “laicidade” do estado brasileiro, tais como: Aborto, descriminalização da maconha, casamento entre pessoas do mesmo sexo, conceito de gênero e família. Essa temática foi utilizada durante a campanha 2010 e determinou a necessidade do debate religioso ser considerado nas referidas discursões. Com a observação das pesquisas de 2014 para presidente da república, é claro e legível que o tema religião retornou ao cenário como um fator determinante nesse pleito eleitoral.

Dados divulgados pelo DIAP, Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, logo após o primeiro turno das eleições mostram que a bancada evangélica será representada na nova composição da Câmara por 74 deputados. Deste total, 35 são novos e 39 foram reeleitos. O DIAP levou em conta o número



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

de deputados que ocupam cargos na estrutura de instituições religiosas, como ministros, pastores, missionários, bispos e sacerdotes. (CÂMARA, 2014)

A bancada evangélica na câmara, se fosse um partido, seria o terceiro em número de parlamentares.

Dentre os aspectos da pluralidade e intervenções de vários aspectos na religiosidade brasileira, está a busca pela capitalização de novos capitais simbólicos, “inculturações” e utilização de ritos e símbolos de outras esferas religiosas. O monopólio religioso e a exclusividade de bens simbólicos é cada vez menos percebido. Com o advento da modernidade, a religião tem buscado suas adaptações e manutenção da sua plausibilidade diante da cosmovisão moderna.

“Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão.” (FRISOTTI, 1996, p. 50)

A ferramenta de sobrevivência que vem dando certo há cinco séculos é a inculturação, além da adaptação ou utilização de símbolos e ritos de outros grupos, buscando um novo valor simbólico. Assim um dos fenômenos novos percebidos e ainda pouco estudados na nossa matriz religiosa é a utilização, por parte de igrejas protestantes e algumas comunidades católicas, de símbolos judaicos. Essa identidade judaizante no passado foi razão de tribunais inquisitoriais e perseguições. Hoje se torna ferramenta de revelar simbolicamente o sagrado.

No que diz respeito às igrejas neopentecostais, é cada vez mais comum a apropriação de símbolos, rituais e trechos da liturgia judaica. Entre eles tem destaque a estrela de Davi (na bandeira do Estado de Israel ou simplesmente como ornamento dentro das igrejas), a menorá (candelabro de sete braços), o shofar (chifre de carneiro cujo som tem lugar destacado nas comemorações do Ano Novo Judaico e no dia da Expição), o talit (acessório em forma de xale usado pelos judeus ortodoxos), réplicas da Arca da Aliança e passagens escritas em hebraico, tanto nos livros litúrgicos como nas paredes dos prédios dessas igrejas.

Paralelamente, apesar de serem menos multitudinárias que as igrejas neopentecostais, as igrejas messiânicas têm se multiplicado nos últimos anos,



alcançando uma visibilidade cada vez maior. Sua arquitetura particular, a que se somam os nomes escritos na entrada dos templos, como Beit Tsar Israel, Beit Tehsuvá, Ar Tzion e Am Israel, faz com que essas igrejas sejam facilmente confundidas com sinagogas, tanto por judeus como por não-judeus. (TOPEL, 2011, p. 36)

Conhecendo-se a construção da matriz religiosa brasileira e sua maleabilidade, podemos entender a possibilidade desse fenômeno e buscar pressupostos sociológicos, fenomenológicos e por que não dizer econômicos para seu ressurgimento dentro de uma ala da religião protestante. “Mais do que nunca, faz-se presente de modo até agressivo, a apropriação de símbolos alheios, assim como a constante perversão de símbolos.” (BITTENCOURT, 2003, p. 37)

Nesse sentido, o fim dos monopólios religiosos é um processo socioestrutural e sociopsicológico. A religião não legitima mais “o mundo”. Na verdade, os diferentes grupos procuram, por diversos meios, manter seus mundos parciais em face da pluralidade de mundos parciais concorrentes. Concomitantemente, a pluralidade de legitimações religiosas é interiorizada na consciência como uma pluralidade de possibilidades entre as quais pode-se escolher. Ipso Facto, cada escolha particular é relativizada e não absolutamente segura. Qualquer certeza deve ser buscada na consciência subjetiva do indivíduo, uma vez que não pode mais derivar-se do mundo exterior, partilhado socialmente e tido por evidente. (BERGER, 1985, p.163)

Esses monopólios que se encerram são os responsáveis pela apropriação de novos capitais simbólicos, advindos de outros credos religiosos, valores incorporados e reutilizados para a legitimação da religiosidade. A sobrevivência do crer está associada ao fato desses capitais promoverem uma “interiorização” (BERGER) nova e particular.

Utilizando a força da sobrevivência, não mais pelo risco de morte dos fiéis que a seguem, mas pela preocupação em sua própria sobrevivência, a religião no Brasil, está fazendo uso de novos meios para construir um capital simbólico que a legitime e identifique com o sagrado, diante da pluralidade existente. O hegemônico volta-se mais uma vez para subjetividade das religiões menores em busca de novos capitais simbólicos que as legitime e faça valer a sua importância simbólica.

Uma das compreensões da utilização do capital simbólico judaico no “campo” neopentecostal estaria associada a princípios de “retorno” ao Antigo Testamento e a



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

“austeridade” que buscaria um distanciamento da identidade hegemônica, impressa nos padrões de sagrado apresentados pelo catolicismo romano.

Entre as várias razões que explicariam a aproximação das denominações neopentecostais ao judaísmo, podemos assinalar o “retorno” dos protestantes como um todo ao denominado Antigo Testamento, em marcada oposição às diretrizes da Igreja Católica Apostólica Romana. Supostamente, a leitura de versículos da Bíblia hebraica levaria quase que naturalmente à incorporação de trechos da liturgia judaica nos cultos dessas igrejas, bem como à utilização dos símbolos judaicos mencionados anteriormente.

Outro fator explicativo seria a austeridade que caracteriza as igrejas neopentecostais, que em seu anelo por diferenciar-se do catolicismo considerado idólatra, extirparam dos locais de culto as imagens de Cristo e da saga de Cristo em todas as suas manifestações. Isto último é de significativa importância, uma vez que a austeridade exigida dos templos neopentecostais coloca problemas para igrejas essencialmente proselitistas, ao mesmo tempo em que, de algum modo, contradiz a teologia da prosperidade pregada por seus pastores e bispos. (TOPEL, 2011, p. 38).

Compreendemos que essas percepções são plausíveis, mas onde encontrar um capital de institucionalização válido para a utilização dentro do “protestantismo”? Mesmo os neopentecostais, possuidores de uma liberdade institucional, ainda que marcados pelos aspectos mágicos, buscariam fundamentar essa incorporação de ritos e símbolos em uma teologia válida.

O dispensacionalismo nos parece ter o mais sugestivo papel nesse processo de “circularidade” ou “inculturação”, que vai invadir as novas igrejas e até a hegemônica, que aparentemente como uma resposta, apresenta já em seus ritos algumas nuances dessa apropriação dita como judaizante.

Desta forma, a proposta apresentada pelo dispensacionalismo pode ser encontrada em pleno século XXI, não como um mero fato histórico sem conexões, vítima de um positivismo, mas, após sua construção e desconstrução, percebe-se ser uma ferramenta de auxílio no retardo do processo de desgaste promovido pela modernidade.

Ora visto ou identificado como fenômeno judaizante por apresentar uma valorização e viabilidade com Israel nacional, ou mesmo por promover doutrinas comuns como o premilenarismo, algumas muito populares e promovidas, o dispensacionalismo é um fenômeno que mesmo com outros nomes está presente na matriz religiosa brasileira.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

O Brasil das décadas de 80 e 90, tornou-se palco de vários movimentos neopentecostais que iriam, de forma direta ou indireta, fazer uso de novos capitais simbólicos (BOURDIEU, 1989) novos para seu campo, ou apropriados de outros grupos religiosos.

O fomento institucional promovido por grupos como o Chamada da meia-noite, produziu um embasamento doutrinário necessário para a utilização por parte de grupos neopentecostais, os quais buscavam desenvolver seu discurso diante de tantas manifestações religiosas no campo religioso brasileiro.

Uma matriz plural sincrética tem sua identidade associada ao protestantismo tradicional, e por que não dizer também plural em vários aspectos: composto por protestantismos de imigração, missão e pelo pentecostalismo clássico. A matriz religiosa evangélica brasileira tem nos neopentecostais um resultado comum, que pode demonstrar a viabilidade do dispensacionalismo, até mesmo pelos que não o percebem.

Cabe aqui uma observação nos formatos de divulgação do pensamento dispensacionalista no Brasil. A “Palavra da fé” e a “Escola Bíblica na Tv”, programas de televisão na década de 80, ensinavam abertamente a diferença entre Israel e a Igreja sem que uma subtraísse a outra em importância ou propósito. Essa temática começou a mudar o ideário religioso e ensaiar a abertura de brechas nas apropriações de capitais simbólicos judaicos.

Assim, o ensino dispensacionalista veio acompanhado com a quebra de alguns paradigmas, pois começava a fazer uso de um meio midiático de massa para alcançar seus clientes:

As novas redes de comunicação transmitem informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com outros permanecem fundamentalmente inalterados. O uso destes meios implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo. (ANDRADE, 2013, p. 47)

Essa quebra levou a um alcance novo e até então não imaginado ou utilizado pelos atores antigos da matriz religiosa brasileira tradicional. Essa nova proposta de fé obrigou esses grupos a promover propostas plausíveis e com um capital simbólico atraente, fora das concepções religiosas já percebidas:

A proscrição de imagens e símbolos católicos constitui um obstáculo tão importante como a problemática incorporação de símbolos de outras expressões



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

da cultura religiosa e popular brasileira. Diante deste panorama, não surpreende que os líderes das denominações neopentecostais encontrem no judaísmo uma fonte de inspiração supostamente legítima para criar rituais e recriar símbolos que dificilmente possam ser rotulados como manifestações de idolatria. (TOPEL, 2011, p. 38)

O dispensacionalismo apresentou a valorização de Israel e associado a isso a sua matriz religiosa e sua larga simbologia. Essa apropriação veio libertar os neopentecostais e fornecer material necessário para a sua proposta religiosa se munir do sagrado, sem que com isso buscasse o capital simbólico vinculado ao catolicismo romano, que se consideraria uso de idolatria.

Além do mais, nesse momento os capitais de religiosidades de matriz africana seriam utilizados como corresponsáveis pelos males vivenciados pelos clientes. As abordagens dos grupos neopentecostais apresentam os problemas vivenciados pelos seus fiéis, sendo esses problemas causados pelo que representa esses capitais; expressões como “encosto” ou “correntes de libertação dos trabalhos de macumba”, entre outras expressões, demonizaram esse capital, mas para uma outra utilização dentro do campo.

O caráter libertário do dispensacionalismo funciona dando-se margem ao surgimento de modelos mais definidos pelo judaísmo, tais como a AMES¹, além de promover uma interpretação escatológica mais simples e de possível compreensão, com a ideia de milênio e arrebatamento e uma releitura do Antigo Testamento.

Por um lado, surgem igrejas e grupos de apoio a Israel, o Estado, adotando-se práticas de sionismo cristão, um processo de “inculturação”, com apropriações cada vez mais contundentes; por outro lado, surgem grupos que se apropriam quase que totalmente das práticas religiosas e simbologia judaicas, entendendo-se parte desse povo.

A denúncia desse processo conhecido como “judaização” preocupou e preocupa os líderes religiosos protestantes mais tradicionais, que se opõem à proposta dispensacionalista e defendem propostas escatológicas diferentes, que veem esse processo como errôneo:

Se a judaização das igrejas neopentecostais e a proliferação de igrejas messiânicas são fenômenos que preocupam algumas lideranças religiosas identificadas com diferentes vertentes do protestantismo

¹ Associação Ministério Ensinando de Sião com sede em Belo Horizonte, dirigida pelo rabino messiânico Marcelo Guimarães.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

brasileiro, curiosamente, os rabinos do país não se manifestaram sobre o assunto. (TOPEL, 2011, p. 43)

No Brasil, existem pressões sobre as manifestações religiosas que se apropriam de capitais simbólicos de outras religiosidades, não só do judaísmo. Essas dificuldades e manifestações ocorrem dentro do próprio “*habitus*” (BOURDIEU, 1989), que se preocupam com a manutenção da tradição.

As grandes críticas e censuras ocorrem por parte das alas mais conservadoras dos credos religiosos. O fenômeno da resistência é persistente e recorrente, mas não impedirá o estabelecimento de novos paradigmas religiosos ou apropriações pelo efeito dessa circularidade (GINZBURG, 2008).

As mudanças de comportamento na sociedade implicam em perceber que a secularização continuará atuando e a modernidade torna-se parceira da religiosidade, fazendo com que a religião, busque a cada dia uma nova atualização, seja no seu modo de apresentação ou nas declarações sobre sua concepção do mundo. A cosmovisão obriga hoje a religiosidade a produzir, legitimar e defender suas próprias propostas, de forma cada vez mais específica e individualizada.

Talvez o grande “insight” esteja associado à matriz religiosa brasileira, plural e com grande dificuldade de institucionalização desde os tempos de América portuguesa:

Diversos estudiosos definiram a religião brasileira como sincrética, difusa, híbrida e com um forte componente anti-institucional e antiautoritário (SANCHIS, p. 1997; MOREIRA, A. & ZICMAN, R. 1994, BRANDÃO, 1994). Além do mais, as pesquisas são reveladoras e demonstram que não existe o princípio de profanar uma religião se a ela se acrescentam (ou se com ela se misturam) símbolos e rituais de outras religiões. O que se observa são religiões criadas à imagem e semelhança do ator religioso, e não produtos de uma estrutura institucional externa, capaz de impor uma visão religiosa considerada a verdade absoluta. (TOPEL, 2011, p.35)

O que nos leva a crer que o dispensacionalismo brasileiro será, sem dúvida, específico e o menos associado a limites institucionais, servindo para cada finalidade específica a ele associada, mesmo porque muitos dispensacionalistas daqui jamais ouviram falar sobre o tema.

A solução vem através de uma proposta religiosa carregada de valores formadores da matriz cristã, marcados por perseguições e martírios, rejeitados pela cosmovisão da igreja cristã como um todo, mas revestido de um capital simbólico poderoso: O judaísmo; que surge como



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

uma das propostas de “retorno” do sagrado frente a essa iminente necessidade protestante. Vale ressaltar que esse mesmo “o judaísmo” é uma atualização, institucionalizado de práticas religiosas que também foram “inculturadas” e tornaram-se uma matriz sólida, tida hoje como pura diante da sua historicidade milenar:

Assim, a revitalização religiosa observada na atualidade, pode ser inserida na própria corrente da pós-modernidade, a partir do momento em que constata-se uma revalorização do ritual, em função sobretudo de uma maior ênfase no símbolo como sua “unidade central de expressão” e, no surgimento de novas metáforas, que se coadunam com uma compreensão da realidade em transformação. (SILVA, 2006, p.139)

Esse processo não se caracteriza em uma dessecularização, ou um novo encantamento, mas sim em uma comprovação clara que o advento da modernidade desenvolve um caráter de transformações das religiosidades e suas ações na busca da manutenção de sua cosmovisão específica. Não uma cosmovisão monopolística, mas no desenvolvimento de “inculturações”, que promovam um novo apanhado religioso legitimante, para que o processo de “interiorização” volte a ocorrer no homem moderno, de forma pessoal e específica, dentro de seu próprio mundo religioso cada vez menos representativo para o meio social como um todo, mas ainda importante para o indivíduo.

Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão. (FRISOTTI, 1996, p. 50)

A utilização de ritos e símbolos judaicos é percebida como uma adaptação das comunidades religiosas evangélicas ramificadas. Utilizamos o termo “ramificadas” por entendermos que grande maioria das novas igrejas evangélicas da modernidade não obedecem à visão protestante tradicional, credos e doutrinas de forma dogmática, somente pressupõem adaptações e apoderações dos capitais simbólicos ligados ao protestantismo tradicional. Poderíamos aqui lembrar que o seu surgimento é o resultado da secularização e sua pluralidade de crença, também é muito claramente um registro abrangente do seu efeito. Se este processo vai alcançar as igrejas protestantes históricas, ainda parece cedo para dizer; no entanto, situações semelhantes aconteceram com o uso de instrumentos, ritmos musicais e de usos e



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

costumes, que paulatinamente foram sendo adotados em todos os credos protestantes: tradicionais, evangélicos, pentecostais e neopentecostais.

Considerando a moderna construção teórica da categoria religião e sua universalização a reboque do colonialismo – o que ocorreu também com as noções de magia, secular e religiões mundiais, entre outras -, bem como a enorme diversidade a variabilidade histórica dos fenômenos religiosos, James Beckford esclarece que a “religião é um constructo social e cultural com significado altamente variável”, e não denota algo fixo ou essencial para além dos significados que assume em contextos culturais e sociais particulares. Quanto à religião, Peter Beyer reitera que “não há essências, apenas desenvolvimentos históricos contingentes”, sendo contingentes todos os aspectos da religião moderna, inclusive as formas e conteúdos que a religião manifesta nos planos conceitual e institucional. (MARIANO, 2013, p. 232)

Como proposta da contingência histórica, nascida no efeito da secularização, as religiões fazem uso do apoderamento (BOURDIEU, 1989). É na contingência (RÜSEN, 2009), ou seja, na necessidade histórica que as respostas religiosas se formam e se desenvolvem. Esse apoderamento não é um processo recente, mas percebido e acentuado com as novas abordagens simbólicas dessas ramificações evangélicas pentecostais e neopentecostais. O uso de simbologias judaicas e de religiões de matriz africana é compreendido em grandes instituições como a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Como um processo de autoafirmação social, apresenta, com a utilização de uma simbologia judaica, uma aparente sacralidade e sobriedade. Já na utilização dos símbolos de matriz africana, busca-se a desvalorização do capital simbólico da concorrência religiosa.

O judaísmo é provavelmente a expressão religiosa que de forma perceptível, ou simplesmente natural, veio se contrapor a intervenção normal da secularização dentro das igrejas evangélicas contemporâneas, ou como chamamos aqui “ramificações”. Exemplos como da IURD, demonstram que seu aporte pode consolidar um capital simbólico novo através do apoderamento, sendo essa apropriação simbólica no mínimo significativa, mesmo porque essa “circularidade” não conseguiu, por hora, desconstruir a identidade do capital simbólico judeu, ou sua referência:

Mesmo nesses casos, contudo, a qualidade sagrada atribuída aos acontecimentos ordinários da própria vida conserva o seu caráter extraordinário, um caráter que é tipicamente reafirmado através de vários ritos; a perda deste caráter equivale à secularização, isto é, a se conceber os acontecimentos como puramente profanos. (BERGER, 1985, p. 39)



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Dessa forma, através da revalorização do ritual, as novas propostas religiosas com o viés evangélico têm utilizado a “inculturação,” dos símbolos e ritos judaicos para promover a sua identidade e desvincular seu simbolismo das referências iconográficas da religião hegemônica.

O processo de secularização enfraqueceu esse universo de significação religioso, desde o momento que as explicações sobre o mundo não eram mais fornecidas pela religião. Com isso, a força das interferências promovidas pela igreja, observando-se em especial o caso brasileiro, estabeleceu um distanciamento dos indivíduos da religião. Como Berger afirma: “Nesse sentido, o fim dos monopólios religiosos é um processo socioestrutural e sociopsicológico. Assim, a religião não legitima mais “o mundo”.

O mundo social não tem mais uma legitimação monolítica religiosa, mas de compreensões científicas, políticas e humanas. Levando o pensamento religioso para a esfera do indivíduo, ou seja, cada vez mais pessoal e específica à presença da religião no mundo.

A religiosidade de matriz protestante está sendo pressionada pela modernidade, com o advento numericamente crescente de novos clientes e uma grande pluralidade de sentidos no campo, sua identidade fica cada vez mais fragilizada e privada.

Ao observar o dispensacionalismo podemos identificar fatores que as tornem, em algum ponto, homogêneas, em prática ou discurso. Dentro dessa observação encontramos os efeitos do dispensacionalismo, mesmo não percebido ou declarado, contudo está presente nesse processo. A construção das novas propostas religiosas desse neopentecostalíssimo vem associada à necessidade de institucionalizar.

Para tanto, “judaizar” foi a saída, mesmo que não percebida em si mesma, mas identificada através da prática dispensacionalista encontrada.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, F. J. **Matriz religiosas brasileira: Religiosidade e mudança social.** Petrópolis, RJ: Vozes. 2003, P. 31-81

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 1985.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

FRISOTTI, Heitor. **Passos no Diálogo: Igreja Católica e religiões afro-brasileiras.** São Paulo: Paulus, 1996.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo Demográfico 2010, Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência - Rio de Janeiro, 2010.

LEENHARD, Jacques. Caminhos teóricos para o estudo das religiões. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano 4, n.14, Set./2012. Disponível na Internet em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf13/01.pdf>. Data de acesso: 08.04.2014.

MARIANO, R. **Sociologia da Religião e seu foco na secularização.** In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. Compêncio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013. p. 231-242.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Trajetórias do sagrado.** Tempo Social, v. 20, n. 2, 2008, p. 115-132.

SILVA, Marcos. **A demanda pós-moderna de símbolos: Implicações religiosas e educacionais.** Comunicações. Caderno do Programa de Pós Graduação em Educação da Unimep, Piracicaba - SP, v. Ano 5, n. 1, p.137-148, 1998.

TOPEL, Marta Francisca. **A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.